

A Construção de uma Identidade: Fadas Tech e a Promoção da Engenharia de Software em um Projeto de Extensão

Ana Beatriz T. Malaquias¹, Gustavo R. Cruz¹,
Isabela T. A. Vaz¹, Victor P. L. Oliveira¹,
Marcelo F. Terenciani¹, Evanise A. C. Ruiz¹

¹Instituto Federal do Paraná – Campus Paranavaí (IFPR)
Paranavaí – PR – Brasil

{20241pvai10030002, 010, 013, 04}@estudantes.ifpr.edu.br

{marcelo.terenciani, evanise.ruiz}@ifpr.edu.br

Abstract. *This article follows the extension project Fadas Tech, from its ideation to the results, developed to address the low female representation in Information Technology. The initiative, implemented at Silvio Vidal State High School, aimed to spark interest among high school female students in Software Engineering through active methodologies, such as discussion circles and gamification. The results showed high engagement and encouraged critical reflection on the role of women in technology, reinforcing the importance of actions that bridge university and community.*

Resumo. *Este artigo acompanha o projeto de extensão Fadas Tech, desde sua ideia até os resultados, desenvolvido para enfrentar a baixa representatividade feminina na Tecnologia da Informação. A iniciativa, aplicada no colégio estadual Silvio Vidal, buscou despertar o interesse de alunas do ensino médio pela Engenharia de Software por meio de metodologias ativas, como roda de conversa e gamificação. Os resultados mostraram alto engajamento e estimularam reflexão crítica sobre o papel da mulher na tecnologia, reforçando a importância de ações que aproximam universidade e comunidade.*

1. Introdução

A extensão universitária no Brasil emergiu ao longo do século XX, inspirada por influências da Inglaterra e dos Estados Unidos. Seu desenvolvimento foi impulsionado por iniciativas públicas como o Projeto Rondon e a Reforma Universitária de 1968 Lei nº 5.540 [Brasil 1968], que determinou a ampliação das atividades acadêmicas para além dos muros da universidade. Esse movimento foi fortalecido, na década de 1970, por órgãos como a Comissão Mista CRUTAC/MEC–MINTER e pela Coordenação das Atividades de Extensão (CODAE), que definiam a extensão como uma prática de troca de conhecimento entre universidade e comunidade. Em 1987, com a criação do FORPROEX, consolidou-se a compreensão da extensão universitária como um processo educacional, cultural e científico, de caráter transformador, reforçando a ideia e configurando-se como uma via de mão dupla entre universidade e sociedade.

Entende-se a extensão universitária como um processo que articula ensino, pesquisa e é uma ação social em diálogo constante com a comunidade. Essa concepção foi reforçada pela Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação (CNE/MEC), que estabeleceu as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira. A norma determina que, no mínimo, 10% da carga horária dos cursos de graduação deve ser destinada a atividades extensionistas, promovendo a chamada “curricularização da extensão”. Essa medida busca integrar teoria e prática, aproximar estudantes de diferentes realidades sociais e ampliar o impacto das instituições de ensino na transformação social, além de motivar a entrada de membros da comunidade no meio acadêmico.

Nesse contexto, o componente curricular Práticas de Extensão do curso de Engenharia de Software do Instituto Federal do Paraná (IFPR) – Campus Paranavaí desafiou os estudantes a planejar, desenvolver e apresentar projetos durante a Semana de Práticas de Extensão, realizada ao final do primeiro semestre na Escola Estadual Cívico-Militar Silvio Vidal. O objetivo da disciplina é proporcionar aos discentes uma vivência prática do processo extensionista, aplicando conhecimentos acadêmicos em ações voltadas à comunidade e atrair os estudantes para os cursos ofertados na instituição. Diante desse desafio, após levantamento de informações em diferentes bases de dados, os estudantes optaram por desenvolver um projeto voltado para estimular a presença feminina no curso de Engenharia de Software. Assim nasceu o *Fadas Tech*, uma iniciativa destinada a despertar o interesse de meninas do ensino médio pela área de Tecnologia da Informação, especialmente Engenharia de Software, promovendo a integração entre universidade e comunidade escolar.

A baixa participação feminina em TI evidencia a relevância do projeto. Em 2023, apenas 32,5% da força de trabalho no setor eram mulheres, percentual inferior à média global de 26,7% [Softex 2024], e das poucas que acabam conseguindo entrar no setor ainda sofrem com problemas que acabam tornando a área um ambiente hostil, como a desigualdade salarial e constante desmotivação por parte de outras pessoas da área. No ensino superior, a desigualdade também é marcante: apenas 16,5 das matrículas em cursos de TI foram ocupadas por alunas [Lima 2023]. Esses números demonstram que, mesmo com avanços sociais e educacionais, as mulheres permanecem sub-representadas em um dos setores mais dinâmicos da economia.

Muitas vezes dentro do contexto histórico mulheres que são figuras importantes na área da tecnologia acabam sendo apagadas ou até mesmo inferiorizadas quando comparadas com as figuras masculinas [Marcolan 2023], isso nos mostra o como o ambiente da tecnologia é um ambiente hostil para mulheres desde o início. Hoje em dia apesar de toda a luta para que mulheres pudessem ser inseridas nesta área ainda existem muitos discursos que são reproduzidos que desencorajam mulheres a se juntarem a essa área.

O projeto *Fadas Tech* representa, assim, uma iniciativa prática de extensão universitária que alia teoria e ação social. Ao incentivar a participação feminina em TI, ele contribui para ampliar a diversidade em um setor estratégico e para consolidar a curricularização da extensão como instrumento de transformação social. Nos capítulos seguintes, serão descritos os procedimentos adotados, as atividades desenvolvidas e os impactos alcançados, evidenciando o potencial educativo e social dessa experiência.

2. Materiais e Métodos

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste projeto compreendeu três etapas principais: levantamento bibliográfico, definição da proposta extensionista e desenvolvimento das ações.

2.1. Levantamento Bibliográfico

Inicialmente, realizou-se um levantamento bibliográfico com foco em estudos que abordam a participação das mulheres na área de Engenharia de Software, na Tecnologia da Informação e em outras áreas das Ciências Exatas. Para tanto, foram consultadas fontes acadêmicas e institucionais, incluindo artigos científicos, livros, relatórios técnicos e dados estatísticos disponíveis em bases como *SciELO*, *Google Scholar* e *IEEE Xplore*.

Essa investigação possibilitou identificar os principais desafios enfrentados pelas mulheres no setor tecnológico, além de mapear iniciativas nacionais e internacionais voltadas à promoção da equidade de gênero. Também foram identificadas figuras femininas de destaque na área da tecnologia, bem como experiências e projetos já existentes que buscam reduzir desigualdades.

Além disso, a equipe entrou em contato com uma especialista da instituição, que forneceu um depoimento sobre sua trajetória profissional, enriquecendo a análise e trazendo uma perspectiva prática sobre a inserção feminina na área.

2.2. Definição da Proposta Extensionista

Com base na revisão da literatura, definiu-se o escopo da prática extensionista. O público-alvo contemplou estudantes do ensino médio, com foco especial nas jovens alunas.

O formato escolhido para a atividade foi uma roda de conversa, com o intuito de proporcionar um espaço dialógico, inclusivo e interativo. O objetivo foi estimular a troca de experiências e conhecimentos, promover o protagonismo das estudantes e incentivar reflexões críticas sobre a inserção e o papel das mulheres no campo da tecnologia.

2.3. Desenvolvimento das Ações

A última etapa consistiu na elaboração dos materiais de apresentação e do cronograma de execução. Foram definidos os tópicos a serem abordados, bem como os recursos visuais e metodológicos utilizados, tais como slides, textos de apoio, quizzes interativos e jogos de perguntas.

O cronograma contemplou:

1. **a divulgação da ação em redes sociais, acompanhada de formulário de inscrição e descrição da atividade;**
2. **a realização da roda de conversa no Colégio Cívico-Militar Estadual Sílvio Vidal;**
3. **a aplicação de um questionário de avaliação por meio do Google Forms.**

Essa etapa buscou não apenas estimular o engajamento das participantes, mas também coletar impressões e feedbacks com o intuito de analisar a eficácia da ação, medir o impacto gerado e orientar futuras iniciativas de extensão.

3. Materiais Correlatos

As políticas de extensão universitária adotadas pela Universidade Tecnológica do Paraná dialogam diretamente com aquelas desenvolvidas no contexto do Instituto Federal do Paraná, instituição onde foi concebido o projeto FadasTech. Ambas compartilham a compreensão de que a extensão deve ser pensada como uma via de mão dupla, em que o conhecimento produzido no espaço acadêmico não se limita às fronteiras da universidade, mas retorna à sociedade em forma de ações concretas, ao mesmo tempo em que recebe dela novas demandas, saberes e experiências. Nesse sentido, a universidade se posiciona não apenas como produtora de conhecimento técnico-científico, mas também como parceira no desenvolvimento social e humano das comunidades onde está inserida.

Os princípios da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, bem como a autonomia universitária estabelecidos enfatizam a necessidade de as universidades integrarem um ambiente livre, capaz de estabelecer suas contribuições dentro do contexto social e cultural [Brasil 1988]. Essa estrutura reflete a necessidade de um modelo universitário que seja, ao mesmo tempo, integrado e livre para buscar suas próprias direções dentro do contexto social e cultural.

Para orientar suas ações, a Universidade Tecnológica do Paraná também segue as diretrizes propostas pelo Plano Nacional de Extensão Universitária, documento que estabelece princípios fundamentais para a consolidação da prática extensionista no Brasil. Entre esses princípios, destacam-se a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o impacto direto na formação discente, a valorização da interdisciplinaridade, a produção de conhecimento voltada para a transformação social, a responsabilidade socioambiental e a construção de uma relação dialógica e horizontal com a sociedade. Assim, a extensão deixa de ser entendida como atividade secundária e passa a ocupar lugar estratégico dentro da missão institucional da universidade [Silva 2023, Padula 2017, Tavares 2019].

De forma mais ampla, a extensão deve compor as políticas públicas, de modo a contribuir com a efetivação dos direitos sociais. Essa concepção confere à extensão uma dimensão política e social que ultrapassa os muros da academia, atribuindo-lhe um papel central na promoção da cidadania e da justiça social [Deggenszajn 2000]. Para tanto, suas ações organizam-se em dois eixos principais: execução e divulgação. O primeiro refere-se ao desenvolvimento prático das atividades extensionistas, sejam elas projetos, programas, cursos ou oficinas; já o segundo está ligado à socialização dos resultados alcançados, à circulação do conhecimento produzido e à ampliação do alcance das iniciativas.

Esses eixos permitem que diferentes áreas temáticas sejam contempladas de acordo com os objetivos da instituição e os perfis de seus cursos, mas sempre orientadas por valores éticos, de inclusão social e de responsabilidade com o meio ambiente. Dessa maneira, a extensão universitária se consolida como um espaço privilegiado de diálogo entre universidade e sociedade, fortalecendo o compromisso social da educação superior e contribuindo para a formação de profissionais mais críticos, engajados e conscientes de seu papel no mundo [Monteiro e Smole 2010].

No entanto, o processo de integração entre a universidade e a sociedade não está isento de desafios. A implementação da extensão universitária, muitas vezes, esbarra em obstáculos como a resistência a novas práticas, a falta de recursos financeiros e a normatização das atividades de extensão, que, em alguns casos, ainda enfrenta dificulda-

des para ser efetivamente considerada em planos de carreira, concursos ou até no currículo acadêmico. além disso, existe persistência de estruturas conservadoras e elitistas dentro das universidades, que dificultam a plena realização do que está estabelecido pela Constituição e pela legislação que rege a extensão universitária [FORPROEX 2012].

A extensão também tem sido vista como um campo de produção de conhecimento a partir da experiência. Esse conhecimento narrativo não se fecha em um único ponto, mas sempre deixa espaço para novas abordagens e interpretações, estimulando a reflexão e a troca [Castro 2009]. Nesse processo, o aluno, o professor e a comunidade externa desempenham papéis fundamentais na construção do saber, levando a universidade a se comprometer não apenas com a formação técnica, mas também com as necessidades sociais.

Apesar dos desafios internos e das pressões externas, a extensão universitária tem se consolidado como uma resposta aos dilemas das universidades brasileiras, tanto públicas quanto privadas [Santos 2010]. De um lado, busca-se flexibilidade, competitividade e eficiência; de outro, a universidade deve responder às demandas por maior acessibilidade e caráter popular. A extensão, nesse contexto, vai além da profissionalização técnica, oferecendo um horizonte mais amplo de aprendizado e participação social.

Além disso, a extensão se configura como o espaço da alteridade, onde a universidade reconhece e valoriza a diversidade sociocultural e étnico-racial. É nesse ambiente que se estabelece um questionamento importante, tanto dentro quanto fora da universidade: “para que serve o teu conhecimento?”. A resposta a essa pergunta aponta para uma formação integral que, além da competência técnica, busca contribuir ativamente para o desenvolvimento da sociedade em todas as suas dimensões.

Portanto, a extensão universitária emerge como um instrumento transformador, com potencial para ampliar as fronteiras do saber acadêmico, fortalecer os vínculos com a sociedade e impulsionar mudanças significativas tanto dentro quanto fora das universidades.

4. Aplicação Prática da Proposta Extensionista

4.1. Desenvolvimento

A seção de Desenvolvimento detalha como a teoria da curricularização da extensão foi aplicada na prática. O projeto *Fadas Tech* foi concebido como uma iniciativa extensionista voltada à promoção da Engenharia de Software entre meninas do Ensino Médio. Inspirado em experiências de referência, como o *Code and Ladies* [UTFPR 2019], o grupo estruturou suas atividades com base em metodologias interativas, centradas no diálogo e na troca de experiências. Trabalhos correlatos, como *Elas na Computação* (UFCG) e *BIT Rosa* (IFRS), também foram analisados, reforçando a pertinência acadêmica e social da proposta.

O primeiro passo consistiu na apresentação da proposta inicial aos colegas da disciplina de Práticas de Extensão, requisito essencial para validação da relevância do projeto. Nessa ocasião, ainda sem nome definido, a iniciativa foi contextualizada à luz de trabalhos correlatos de outras instituições, destacando a problemática da sub-representação feminina na área de TI. Essa etapa contribuiu para solidificar o objetivo e fundamentar a pertinência do projeto, além de permitir a definição de estratégias metodológicas que va-

lorizassem a participação ativa das estudantes. Partiu-se do pressuposto de que a interação e a identificação seriam mais eficazes do que a simples exposição de conteúdo, perspectiva sustentada por estudos que evidenciam os impactos positivos de metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem [Müller et al. 2017].

Assim, optou-se pela roda de conversa em contraste ao modelo de palestra tradicional, visando criar um espaço colaborativo, inclusivo e descontraído, em que a troca de saberes e experiências estivesse no centro da dinâmica. Com a abordagem metodológica definida, a etapa seguinte concentrou-se no desenvolvimento e preparação do projeto. O tempo de aula da disciplina de Práticas de Extensão foi integralmente dedicado a esse processo, sob a supervisão da docente responsável. Essa fase foi crucial para garantir que o conteúdo estivesse alinhado ao objetivo central: desconstruir estereótipos e promover o protagonismo feminino na tecnologia.

Nesse período, a equipe elaborou a apresentação visual, construiu o jogo lúdico e refinou o roteiro da roda de conversa. Foi também nesse momento que a identidade do projeto foi consolidada. Inicialmente concebido sob o título *Codando em Rosa*, o nome foi reavaliado em razão da associação direta da cor rosa a estereótipos de gênero que o próprio projeto buscava combater. A busca por uma denominação mais significativa levou à pesquisa sobre figuras femininas pioneiras na tecnologia, destacando-se *Ada Lovelace*, reconhecida como a primeira programadora da história e apelidada de *Lady Fairy* (Senhora Fada) por sua habilidade de unir lógica e criatividade [Lovelace 2025]. A adoção do nome *Fadas Tech* representou, portanto, uma homenagem a essa figura histórica, evocando inovação, empoderamento feminino e rompimento de clichês.

Com o nome e a identidade visual definidos, o grupo direcionou esforços para uma pesquisa aprofundada sobre a trajetória de mulheres que marcaram a história da tecnologia. Entre as selecionadas estão *Hedy Lamarr*, *Grace Hopper*, *Jean Bartik* e a brasileira *Camila Achutti*, referência internacional na luta pela inclusão feminina e vencedora do *Women of Vision Award* em 2015, sendo a primeira estudante latina a ser homenageada com esse prêmio [Mulheres na Computação 2015]. Essas personalidades foram escolhidas não apenas por suas contribuições técnicas, mas também pelas trajetórias de vida e pelos desafios enfrentados. O conteúdo dessa pesquisa foi incorporado à roda de conversa com a finalidade de estimular reflexão crítica, questionar a falta de reconhecimento e legitimar as ambições das participantes no campo da tecnologia, favorecendo um ambiente de identificação e empoderamento.

Além da pesquisa, a equipe desenvolveu uma atividade lúdica para abertura da roda de conversa, cujo objetivo era captar a atenção e engajar as alunas desde o início. Foram elaboradas perguntas relacionadas às mulheres que seriam apresentadas posteriormente, de modo a despertar a curiosidade das participantes sobre suas histórias e contribuições. Para estimular ainda mais a participação, instituiu-se uma premiação simbólica com chocolates para as três primeiras colocadas. Essa dinâmica buscou unir aprendizado e descontração, tornando o momento mais atrativo.

Após a minuciosa preparação das atividades, incluindo a pesquisa sobre figuras femininas e a elaboração do jogo lúdico, foi realizada uma simulação em sala de aula. Nessa oportunidade, todo o conteúdo foi exposto, desde a apresentação das figuras femininas até a dinâmica da roda de conversa e do jogo. A professora responsável pôde

fornecer *feedbacks* e sugestões, que possibilitaram ajustes finais e asseguraram maior alinhamento entre os objetivos extensionistas e as ações propostas. Com essas etapas concluídas, o projeto *Fadas Tech* encontrava-se pronto para sua execução em campo.

4.2. Execução

A fase de aplicação do projeto *Fadas Tech* realizou-se no Colégio Silvio Vidal. A equipe foi orientada a chegar com antecedência para organizar o espaço e testar os equipamentos, visando garantir o bom andamento da atividade. No entanto, o planejamento inicial foi comprometido por um imprevisto: a sala previamente reservada não estava disponível. Essa situação inesperada forçou o grupo a se deslocar para outro ambiente sem o tempo hábil para a ambientação desejada. Apesar do contratempo, a equipe conseguiu se adaptar às variáveis e organizar o essencial para o início da atividade.

Com as alunas já em sala, a atividade teve início. O público presente era composto por garotas dos 1º, 2º e 3º anos dos cursos de Administração e do 1º e 2º anos de Informática da Instituição. A equipe do projeto, então, se apresentou e descreveu o objetivo principal da iniciativa: incentivar o interesse de jovens mulheres pela área da Tecnologia da Informação (TI) e desconstruir estereótipos de gênero.

Em seguida, as atividades planejadas foram realizadas: o quiz que serviu como estratégia inicial de engajamento; a roda de conversa, centrada na apresentação de trajetórias de mulheres pioneiras e contemporâneas da tecnologia; e, por fim, um debate coletivo, que possibilitou às participantes refletir sobre suas próprias perspectivas e identificar-se com as histórias apresentadas. Essa dinâmica buscou não apenas ampliar o conhecimento das estudantes sobre a presença feminina na tecnologia, mas também fortalecer o sentimento de pertencimento e motivação para considerar carreiras na área.

5. Resultados e discussões

A curricularização da extensão do Instituto Federal do Paraná – Campus Paranavaí (IFPR) tem se mostrado uma estratégia eficaz para a formação acadêmica, como evidenciado pelo projeto *Fadas Tech*. Essa iniciativa, desenvolvida como parte da disciplina de Práticas de Extensão, abordou um problema social relevante: a baixa representatividade feminina no campo da tecnologia. A estrutura formal da disciplina não apenas facilitou a organização do projeto, mas também impulsionou a produção de conhecimento e gerou impactos positivos significativos. Além de enriquecer a formação dos estudantes do IFPR, o projeto proporcionou uma experiência transformadora para as estudantes do Colégio Silvio Vidal, incentivando-as a explorar o universo da tecnologia.

A integração formal da extensão ao currículo, especialmente no curso de Engenharia de Software, foi crucial para o sucesso do *Fadas Tech*. Essa inovação curricular permitiu que o tempo em sala de aula fosse dedicado integralmente ao planejamento e à execução do projeto. Atividades essenciais como a elaboração de roteiros, a pesquisa de conteúdo e a simulação de atividades foram realizadas com o rigor necessário para garantir a qualidade da intervenção. Essa abordagem integrada validou o tempo e o esforço investidos, demonstrando que a extensão, quando bem estruturada, pode e deve ser uma componente central da educação superior.

O impacto do projeto *Fadas Tech* vai além dos muros da universidade, servindo como um modelo de como a educação pode ser uma ferramenta para o desenvolvimento

social. Os resultados preliminares indicam que o projeto alcançou seus objetivos, mas seu maior valor reside na capacidade de inspirar futuras ações e mostrar o potencial da colaboração entre a universidade e a comunidade. A experiência reforça a importância de que as instituições de ensino superior se comprometam com a inovação curricular e com a criação de projetos de extensão que respondam a problemas sociais concretos, preparando estudantes para atuarem como agentes de mudança.

O projeto *Fadas Tech* demonstra que, ao formalizar a extensão como parte integrante da formação acadêmica, a universidade pode não só enriquecer a experiência de seus alunos, mas também gerar um impacto social duradouro.

5.1. Resultados

Os resultados do projeto foram aferidos por meio da observação direta durante a execução e de um levantamento preliminar via questionário enviado às participantes.

O primeiro resultado tangível foi o alto nível de engajamento das alunas, observado desde o início da atividade. A aplicação de um quiz na plataforma *Kahoot*¹ como estratégia de abertura mostrou-se altamente eficaz, gerando um ambiente competitivo, lúdico e descontraído. Essa abordagem ativa quebrou a formalidade e capturou a atenção do público, confirmando a hipótese de que metodologias interativas seriam mais impactantes que um formato de palestra tradicional.

Durante a roda de conversa, o resultado mais evidente foi a reação de surpresa e interesse das estudantes ao conhecerem as histórias de pioneiras como Ada Lovelace, Hedy Lamarr e Grace Hopper, e de referências contemporâneas como a brasileira Camila Achutti. O desconhecimento geral sobre essas figuras reforça a existência de uma narrativa que historicamente invisibiliza as mulheres na tecnologia. O debate coletivo que se seguiu permitiu que as alunas expressassem suas percepções, confirmando que a atividade estimulou uma reflexão crítica sobre estereótipos de gênero na área.

Por fim, o levantamento preliminar realizado por meio de questionário, embora com uma amostra inicial, corroborou as observações em campo, apontando indícios do despertar do interesse das alunas pela área de Tecnologia da Informação, com destaque para a Engenharia de Software.

5.2. Discussões

Mesmo sendo cedo para avaliar o impacto a longo prazo, os resultados do projeto *Fadas Tech* já indicam um sucesso notável em sua abordagem metodológica. O ponto mais significativo foi a transmissão da mensagem de que o setor de TI é também um espaço para mulheres. A combinação de gamificação, como o uso de *Kahoot*, com as histórias de mulheres pioneiras na tecnologia, permitiu que essa percepção fosse assimilada de forma natural, leve e inspiradora. Essa abordagem serviu como um ponto de partida para que as alunas do Colégio Silvio Vidal considerassem futuros na área, um passo crucial para a mudança de paradigma.

A concepção do projeto incluiu uma reflexão crítica que enriqueceu significativamente a discussão. A mudança do nome inicial, "Codando em Rosa", para "*Fadas Tech*",

¹ Kahoot: <https://kahoot.com/pt-BR/>

foi uma decisão estratégica inspirada em *Ada Lovelace*. Essa alteração demonstra a maturidade do grupo em não reforçar os mesmos estereótipos que buscava desconstruir, como a associação da cor rosa à feminilidade. Essa decisão metodológica foi fundamental para a autenticidade e a coerência da mensagem transmitida, reforçando o compromisso do projeto com a desmistificação da tecnologia e a promoção da igualdade de gênero.

Com tais ações, é possível inferir que projetos de extensão como o *Fadas Tech* podem gerar resultados relevantes e duradouros. Um dos principais objetivos é aumentar a adesão feminina na área de TI e, a longo prazo, reduzir a evasão em cursos de tecnologia, contribuindo para uma proporção de gênero mais equilibrada no setor. O projeto também demonstrou a importância do aprendizado em situações inesperadas. A equipe, por exemplo, teve que se adaptar rapidamente a um imprevisto logístico, como a troca de sala. Essa experiência, embora não planejada, se tornou um valioso ponto de aprendizado, refletindo a capacidade de resolução de problemas, uma habilidade essencial para qualquer profissional de tecnologia.

Além de seu impacto direto, o *Fadas Tech* se estabelece como um modelo para futuras iniciativas de extensão. O projeto ressalta a importância de unir a teoria à prática, abordando problemas sociais relevantes e capacitando os estudantes universitários a atuarem como agentes de mudança. A interdisciplinaridade, a adaptabilidade e a consciência social demonstradas pela equipe são competências cada vez mais valorizadas no mercado de trabalho. Sendo assim, o projeto não só inspirou jovens a considerarem a tecnologia como carreira, mas também preparou os estudantes do IFPR com habilidades fundamentais para suas futuras atuações profissionais.

6. Conclusões

A execução e análise do projeto de extensão *Fadas Tech*, uma iniciativa desenvolvida no contexto da Curricularização da Extensão que visou incentivar o interesse de alunas do Ensino Médio pela área de Engenharia de Software e desconstruir estereótipos de gênero quanto a área de Tecnologia da Informação. A metodologia, pautada em abordagens ativas como a gamificação e a roda de conversa, mostrou-se eficaz para engajar as participantes e criar um ambiente propício ao diálogo e à reflexão.

Os resultados, embora de natureza qualitativa e preliminares, indicam que o projeto atingiu seus objetivos centrais. A apresentação de mulheres pioneiras na tecnologia gerou identificação e desmistificação a percepção da TI como um campo exclusivamente masculino. Logo, a experiência validou a importância de ações extensionistas que conectam a universidade à comunidade, promovendo não apenas a disseminação de conhecimento, mas também a transformação social.

A experiência com o *Fadas Tech*, contudo, sugere que o escopo de tais iniciativas pode ser ampliado para gerar um impacto ainda mais profundo e duradouro. Para trabalhos futuros, recomenda-se que a abordagem não se limite apenas a jovens mulheres. A proposta de contemplar todas as faixas etárias é pertinente, demonstrando que não existem barreiras de gênero ou idade para ingressar na Engenharia de Software. Ao ampliar o foco para incluir mulheres em transição de carreira ou em busca de novas oportunidades, o impacto de projetos como este tende a ocorrer de forma mais escalonável e sustentável.

Em suma, o projeto *Fadas Tech* consolidou-se como um modelo replicável e bem-sucedido de intervenção, reforçando o papel crucial da universidade na promoção da di-

versidade e inclusão. A continuidade e a expansão de tais projetos são fundamentais para a construção de um ecossistema tecnológico que seja, de fato, mais equitativo e representativo da sociedade.

Referências

- Brasil (1968). Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>. Dispõe sobre a Reforma Universitária e dá outras providências. Publicada no Diário Oficial da União de 29.11.1968.
- Brasil (1988). Constituição da república federativa do brasil de 1988. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 09 out. 2025.
- Castro, C. L. d. (2009). A extensão universitária e a produção do conhecimento narrativo. *Revista Extensão em Debate*, 1(1):1–10.
- Deggenszajn, R. (2000). *Extensão universitária: velhos e novos desafios*. Cortez Editora, São Paulo.
- FORPROEX (2012). Política nacional de extensão universitária. Documento oficial. Disponível em: <http://www.extension.unesp.br/politica-nacional-de-extensao.pdf>. Acesso em: 25 set. 2025.
- Lima, J. (2023). No brasil, mulheres representam apenas 16,5% dos estudantes em cursos de ti. Acesso em: 16 out. 2025.
- Lovelace, A. (2025). Ada lovelace. Wiki Computação - UFPR. Acesso em: 09 out. 2025.
- Marcolan, J. (2023). Mulheres em ciência e tecnologia: as origens históricas da inversão de gênero. *Revista Blogs Unicamp*. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/revista/2023/11/27/mulheres-em-ciencia-e-tecnologia-as-origens-historicas-da-inversao-de-genero/>.
- Monteiro, A. e Smole, K. A. M. (2010). Educação matemática e gênero: caminhos possíveis. *Cadernos CEDES*, 30(80):115–130.
- Mulheres na Computação (2015). Sobre. Página web. Disponível em: <https://mulheresnacomputacao.com/sobre/>. Acesso em: 28 de agosto de 2025.
- Müller, M. G., Araujo, I. S., Veit, E. A., e Schell, J. (2017). Uma revisão da literatura acerca da implementação da metodologia interativa de ensino peer instruction (1991 a 2015). *Revista Brasileira de Ensino de Física*, 39(3):e3403.
- Padula, R. P. (2017). O protagonismo discente na extensão universitária: práticas e reflexões. *Cadernos de Extensão*, 8(1):45–60.
- Santos, B. d. S. (2010). A universidade no século xxi: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. *Educação e Sociedade*, 31(112):15–39.
- Silva, J. P. d. (2023). Extensão universitária e inovação: desafios e possibilidades. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 14(2):22–35.

Softex (2024). O panorama da participação feminina no setor de tics. Disponível em: <https://softex.br/a-participacao-feminina-no-setor-de-tics-e-o-tema-do-terceiro-artigo-da-serie-observando/softex.br>. Acesso em: 09 out. 2025.

Tavares, M. C. (2019). Curricularização da extensão: desafios para a transformação acadêmica. *Educação em Debate*, 41(1):70–84.

UTFPR (2019). Sobre nós - projeto code and ladies. Página web do projeto Code and Ladies. Disponível em: <https://coens.dv.utfpr.edu.br/codeladies/sobre-nos/>. Acesso em: 25 de agosto de 2025.